

Editorial

O presente número especial da Pesquisa em Educação Ambiental reúne um conjunto de artigos resultantes das reflexões sistematizadas por participantes do 13th Invitational Seminar on Environmental Education Research (ISEER), realizado no período de 13 a 17 de julho de 2015, no SESC Bertioga, São Paulo, Brasil. As editoras e o editor deste número atuaram como organizadoras e organizador do referido evento. Parte deste grupo participou do “11th e 12th Invitational Seminar on Environmental Education Research” realizados, o primeiro em Queenscliff, Austrália, em 2011, e o segundo em Uppsala, Suécia, em 2013.

Essa série de seminários teve sua primeira edição em 1993, na Dinamarca, e tem como característica o encontro de um grupo pequeno de pesquisadores (em torno de 35 a 50) que participam como convidados das diferentes edições do evento.

O Invitational Seminar é uma proposta bastante particular de evento científico, distinta de uma conferência ou seminário nos moldes convencionais. Como se sabe, a maioria dos eventos científicos ou encontros para a troca de experiências está direcionada para a apresentação de resultados de trabalhos de natureza diversa. Embora esse seja, certamente, um objetivo importante, o referido seminário, proposto em um formato diferente dos mais usuais, tem como objetivo um aprofundamento de questões relativas à pesquisa em Educação Ambiental, visando, também, apontar possibilidades para uma agenda ou demandas futuras para o campo de pesquisa na área. Algumas características dessa proposta a tornam uma experiência única, peculiar e significativa, em nossa avaliação.

Destacam-se, portanto, como características particulares desse evento: 1) o fato de não ser um seminário aberto, na forma de *evento*, no qual as pessoas interessadas fazem sua inscrição e encaminham relatos de pesquisa. É um seminário no qual as/os participantes, inicialmente um grupo de editores de periódicos científicos da área de Educação Ambiental - são convidadas/os pela Comissão Organizadora; 2) o grupo de participantes não deve ultrapassar cinquenta pesquisadoras/es, o que mantém as interações em um nível pessoal, de pequenos grupos e do grupo como um todo, bastante intensa e interativa; 3) o foco das discussões está centrado nas bases e premissas da pesquisa em educação ambiental, o que implica que as/os participantes tenham grande interesse em pesquisa no campo da Educação Ambiental; 4) todas/os as/os participantes são convidadas/os a apresentar um texto prévio sobre a temática central do evento; 5) são convidados pesquisadores experientes e iniciantes (pesquisadores mais experientes são convidados a indicar estudantes de doutorado ou recém doutores, como participantes de início de carreira) o que mantém um ambiente de trocas intergeracionais muito instigante e generativa de novos *insights* para a pesquisa, procurando garantir a participação de pesquisadores dos cinco continentes; 6) as dinâmicas das sessões são normalmente de grande interatividade: todas as sessões devem ser produtivas (*generative*); 6) num clima de distensão e de *slow science*; o que se espera é uma rica troca de experiências e reflexões sobre o campo da pesquisa em Educação Ambiental, apontando para questões que podem ser compreendidas como uma pauta de pesquisa para o campo.

Esta foi a primeira vez que esse seminário internacional foi realizado na América Latina. Dessa forma, fizemos um grande esforço em convidar colegas pesquisadores de diferentes países latino-americanos. No caso brasileiro, foram enviados convites para cerca de trinta grupos de pesquisa em Educação Ambiental, cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, considerando, também, a possibilidade de participação de pesquisadores das diferentes regiões brasileiras. Participaram do evento dez pesquisadores internacionais, sendo um da América Latina e nove de países de outras regiões, além de quinze pesquisadores brasileiros.

A escolha do tema para essa versão do evento, qual seja, “Educação Ambiental Crítica: o que é crítico na educação ambiental crítica contemporânea: desafios teóricos,

tensões, aplicações e implicações metodológicas”, teve como uma de suas motivações o fato de ser o Brasil um país com uma forte tradição na linha de uma Educação Ambiental chamada de transformativa ou crítica.

Além disso, tal perspectiva se justifica, quando consideramos o contexto brasileiro – contexto, este, no qual o evento foi realizado – marcado por grande diversidade cultural, ecológica, histórica e grandes contradições sociais e políticas, que definem um quadro de injustiças socioambientais.

Para o conjunto de pesquisadoras/es envolvidas/os, esse tema continua sendo pertinente, na medida em que acreditamos que pesquisas nessa linha continuam sendo necessárias frente à intensificação do processo de globalização neoliberal, com impactos severos nas populações e ambientes mais vulneráveis.

Além disso, parece-nos bastante significativo, para o campo da pesquisa em Educação Ambiental, considerarmos que nesse conjunto de perspectivas postas pela chamada Educação Ambiental crítica há uma ampla gama de abordagens que, por sua vez, são ancoradas em diferentes perspectivas ontológicas, epistemológicas e metodológicas. Esses pressupostos, algumas vezes, estão explícitos em nossos relatos de pesquisa, outras vezes, são assumidos, de forma claramente implícita, nos relatos das investigações.

Algumas das perspectivas críticas se ancoram na perspectiva ontológica marxista, quer seja em sua vertente mais ortodoxa, quer seja a partir de outras leituras marxistas, como a Teoria Crítica, por exemplo, vista também, hoje, a partir de diferentes quadros referenciais; outras se assumem, ainda, como neomarxistas. Outros grupos de pesquisa, explicitamente, assumem outros modelos de metanarrativas e metateorias.

Assim, nos deparamos com a complexidade teórico-metodológica no campo da pesquisa em Educação Ambiental que, se por um lado, traz uma grande abertura e possibilidades de construção de quadros interpretativos diversificados e múltiplos, por outro tem acarretado, em certos casos, propostas pouco claras, ambivalentes e, muitas vezes, confusas.

Esse desafio para a pesquisa em Educação Ambiental crítica faz emergir a pergunta que colocamos como orientadora para os trabalhos do 13th ISEER: o que estamos querendo significar quando associamos ao termo Educação Ambiental o termo *crítica*? Quais as consequências e reflexos ao adotarmos essa perspectiva para as nossas práticas de pesquisa no campo da Educação Ambiental?

Tendo essa intenção como pano de fundo – dialogar sobre o que vem a ser a pesquisa em Educação Ambiental crítica - as/os participantes do evento, organizadas/os em diferentes subgrupos, aqui também representados/as na autoria dos diferentes artigos, realizaram diversos *workshops* discutindo os seguintes subtemas, relacionando-os com a pesquisa em Educação Ambiental: 1) A constituição do campo da Educação Ambiental; 2) Políticas de formação para a/o pesquisadora/or; 3) Tendências teóricas e metodológicas; 4) Estética, ética e política; 5) Linguagem e discursos. Em uma breve sinopse, apresentamos uma síntese das ideias orientadoras para as discussões nesses diferentes subgrupos:

1 A constituição do campo da educação ambiental:

Histórias da pesquisa em educação ambiental crítica: diferentes contextos e epistemologias *geo-cultural-histórico-ecológico-política* – locais, nacionais, regionais.

2 Políticas de formação para a pesquisa:

Tornando-se um pesquisador em educação ambiental crítica. Impactos das tendências globais e modelos de cursos de graduação, pesquisas de mestrado e doutorado – *fast science, scientific salami slicing* – classificação das instituições baseadas em publicações etc. Aspectos da institucionalização e legitimação de espaços e ambientes nos quais o conhecimento em

Educação Ambiental é produzido. Análise crítica das políticas propostas – Bologna, Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS) e mudanças pós-2015 para uma educação para uma cidadania global.

3 Tendências teóricas e metodológicas:

A explosão das *viradas* teóricas e, conseqüentemente, perspectivas metodológicas emergentes. Coerência entre perspectivas teóricas, metodológicas e *práxis* – tensões / dilemas críticos em deliberar, acessar, escolher entre as possibilidades trazidas pelo pluralismo. Relações entre ontologia – epistemologia – metodologia em pesquisa no campo da Educação Ambiental crítica.

4 Estética, Ética e Política:

Considerações de natureza normativa / axiológica – estética – ética – política da Educação Ambiental, em contextos locais e condições globais.

5 Linguagem e Discursos:

EA crítica e discurso: pressupostos teóricos e metodológicos e suas implicações. Análises em níveis macro e microssocial. Relações entre mudança de discurso e mudança social.

Assim, a maioria dos artigos publicados neste número, responde a essa lógica de organização do 13th EERIS e estão relacionados à organização temática do Seminário. Além dos artigos produzidos a partir dos resultados das discussões no seminário, outros dois artigos, elaborados por autores convidados – sendo esses pesquisadores que, tradicionalmente, participam desse movimento – integram este número especial.

Então, além de momentos de avaliação do 13º Seminário e da definição e encaminhamentos para a 14º edição da série, o evento foi finalizado com um *brainstorming* sobre possibilidades de estabelecer redes de pesquisa em educação ambiental, para uma atuação mais permanente ao longo dos interstícios entre os seminários, além de alternativas para a publicação das memórias do 13º Seminário, o que nos permitiu ter a alegria e a honra de reunir os artigos para esta publicação especial da Pesquisa em Educação Ambiental, que ora vem a público.

O artigo que abre este número especial, de autoria do pesquisador australiano Phillip G. Payne, trata de uma reflexão sobre a própria série de seminários *Invitational Seminar on Research Development in Environmental (and Health) Education*. Usando o método da *história do presente*, o artigo apresenta alguns dos princípios e propósitos fundamentais da série de Seminários, os quais vêm orientando esses eventos e foram tomados, também, como orientadores para o *design*, conceitualização e contextualização do *13th Invitational Seminar*, ocorrido no Brasil em 2015. O autor discorre, ainda, sobre o Brasil como uma “localidade de conhecimento” e sobre um entendimento *geopistemológico* local, translocal, nacional, regional e transnacional, específico do que ele nomeia “Brasiliandade” na pesquisa em educação ambiental. O autor faz, por fim, algumas recomendações básicas para o futuro desenvolvimento local e translocal de análises que têm sido nomeadas como *pós-críticas*, que tornem evidente a relevância da manutenção de localidades nos processos de produção de conhecimento nas e para as perspectivas críticas de pesquisa em educação ambiental.

Rob O’Donoghue, pesquisador da Universidade de Rhodes, na África do Sul, nos oferece, no segundo artigo deste número de Pesquisa em Educação Ambiental, elementos para compreender as bases e os desenvolvimentos da teoria crítica e sua influência no campo da educação ambiental. O autor problematiza os conceitos de empoderamento, práticas democráticas e pedagogias críticas com referência a estudos fundamentados em metodologias

de pesquisa-ação, argumentando a favor de processos de educação ambiental crítica com caráter mais aberto e mais solidários.

Chris Eames, Per Sund, Maria Inês Higuchi, Haydée Torres de Oliveira e Rob O'Donoghue, no terceiro artigo que compõem o número especial, constroem uma narrativa comum a partir de um conjunto de vinhetas sobre abordagens críticas para a educação ambiental (EA) em diferentes países como Brasil, Nova Zelândia, África do Sul e Suécia. Da emergência de uma consciência ambiental crítica na educação brasileira, passando por experiências educacionais, de cunho crítico, para fazer frente a situações de opressão na Nova Zelândia e Zimbábue, chegam a uma análise crítica de uma inovação em ensino e pesquisa na Suécia. São identificadas convergências entre esses contextos, especialmente a perspectiva da pesquisa e ação participativas como potencial para traçar caminhos emancipatórios em processos de EA.

Em artigo assinado por Luiz Marcelo de Carvalho, Marina Battistetti Festozo, Daniel Fonseca de Andrade e Flávia Torreão Thiemann, os autores buscam evidenciar e discutir as possíveis interferências das atuais tendências neoliberais nos processos tanto de produção de conhecimento como de formação de novos pesquisadores nas universidades. O artigo também traz evidências de movimentos de resistência a essa influência indevida, e a defesa da diversidade nos processos de formação de novas gerações de pesquisadores, procurando, particularmente, focar o processo de formação de pesquisadores em Educação Ambiental.

O artigo que segue a esses mencionados, de autoria de Paul Hart e Catherine Hart, traz uma reflexão aprofundada sobre as tendências teórico-metodológicas atuais na pesquisa em educação ambiental; enquanto, na sequência, Claudio Aguayo e Flávia Torreão Thiemann apresentam como o tema foi discutido em uma sessão de *World Café* no 13th Invitational Seminar on EER on “Critical Environmental Education Research: Theoretical and Methodological Trends”. Para contextualizar o tema do seminário, ambos apresentam, ainda, uma breve história da pesquisa em educação ambiental crítica no Brasil.

Em artigo no qual procuram apresentar narrativas sobre uma etnografia sensorial do caminhar, Phillip Payne, Cae Rodrigues, Isabel Carvalho, Laísa Freire, Claudio Aguayo e Valeria Ghislotti Iared sistematizam uma experiência vivenciada pelos participantes do evento, durante caminhada a uma unidade de conservação próxima ao local onde o evento estava sendo realizado. Os autores discutem o papel crucial da estética e a importância da afetividade na geração de sentidos e na agência dos sujeitos participantes. A pesquisa reposicionou os participantes do seminário como sujeitos do estudo, além de autores (realizando um autoestudo), e tentou desafiar a própria produção textual dos autores.

Nesse sentido, a contribuição às discussões sobre o que é crítico na educação ambiental vai além de questões conceituais. Ademais de considerar o posicionamento reflexivo de uma dada realidade, e o conceito de ecosomaesthetics (ecosomaestética), necessário em uma nova linguagem, o trabalho utilizou expressões semióticas como imagens / fotos, expressando/relatando a pesquisa em diferentes idiomas. Assim, cada idioma representa o conforto da primeira língua dos autores que estavam, coletiva e individualmente, *posicionados* em uma *práxis* transformadora.

O artigo de Angelica Cosenza, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e Isabel Martins, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, analisa o processo de didatização de um conflito ambiental, que envolve injustiças ambientais e disputas territoriais, e problematiza ambivalências dos participantes frente a discursos de educação ambiental identificados com vertentes emancipatórias e conservadoras.

Por fim, e fechando este número especial, o artigo de Rosana Louro Ferreira Silva, da Universidade de São Paulo, e José Arthur Barroso Fernandes, da Universidade Federal Fluminense, sistematiza um levantamento quali-quantitativo a partir dos resumos de teses e dissertações produzidas no Brasil, entre 1981 e 2012, que explora os significados associados

aos conceitos de discurso e linguagem nesses estudos. Os resumos estavam disponíveis no banco de dados do EArte Project, um repositório digital, de acesso aberto, que permite entender o estado da arte da pesquisa em Educação Ambiental no Brasil. As análises revelam uma ampla gama de perspectivas de pesquisa presentes nos estudos que mencionaram *discurso* em seus títulos, e abre uma discussão sobre o significado dessa diversidade.

Esperamos que esse primeiro número especial da Pesquisa em Educação Ambiental traga elementos tanto para a comunidade brasileira de educadores e pesquisadores ambientais quanto para a comunidade internacional, elementos que nos permitam aprofundar as nossas compreensões sobre o processo de produção de conhecimento relacionado com a Educação Ambiental, permitindo avanços em nossas compreensões sobre o que é crítico na educação ambiental crítica contemporânea. Como se pode ver, pelos textos aqui compilados, a intenção do seminário e dos pesquisadores que dele participaram não foi – e tal pretensão irrealizável, de fato, não esteve em pauta – o de resolver os desafios teóricos, as tensões, aplicações e implicações metodológicas. Ao contrário, o que esperamos é que o conjunto de experiências e reflexões aqui sistematizadas possam, apenas, explicitar desafios e tensões já percebidas por nós. E, igualmente, suscitar outras tantas que, certamente, se fazem presentes a cada passo dessa prática, que é, também, de construção do campo da pesquisa em Educação Ambiental.

Thiemann, F.T.; Carvalho, L.M.; Oliveira, H.T.; Freire, L.M.; Martins, I. G. R.